

‘LEMBRANÇAS DE ESCOLAS’

Railane Antunes Pereira

“a vulnerabilidade fundamental da memória, que resulta da relação entre a ausência da coisa lembrada e sua presença na forma da representação. A alta problematização dessa relação representativa com o passado é essencialmente evidenciada por todos os abusos da memória.”

(RICOEUR, 2007:72)

Memórias de um cárcere: um relato de experiência escolar.

Desde já, começo por desculpar-me, a narrativa a seguir é permeada de esquecimento, floreios, talvez ocultações e presentismo. Contudo, tenta refazer os passos de uma estudante insegura e com muito futuro em seu presente.

O ano de 2001 era um ano de muita expectativa, afinal, encerrava-se o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio já causava demasiada preocupação para muitos estudantes, que viam uma possibilidade de realizar ensino médio técnico, como forma de colocação no mercado de trabalho. Para uma estudante da baixada fluminense e de baixa renda, essa era (naquele período) a única escada para vislumbrar um horizonte melhor. Escolas como FAETEC, CTUR e CEFET, eram consideradas a porta da esperança para muitos jovens já saírem do médio com empregos e boa colocação no mercado de trabalho.

Com a proximidade dos concursos para essas escolas (sim, não eram e não são de acesso livre) as expectativas, cobranças e ansiedades se projetavam a cada dia mais, desta forma, essa tão jovem estudante de 13 anos estava em conflito de qual curso escolher e para qual unidade e escola tentar. Havia para ela, naquele período, duas opções: o curso de Informática, o qual não tinha conhecimento algum, o curso de Administração, que uma prima havia feito. Mas a unidade que ofertava Administração, não possuía unidade próxima a essa jovem e o curso de Informática, era ofertado na unidade da FAETEC de Santa Cruz, onde a estudante tinha proximidade e inclusive uma condução que deixava em frente.

A escolha parecia ser óbvia, porém o quase nenhum contato com qualquer tecnologia ou conhecimento de informática causaram inquietações, ela não sabia se conseguiria aprender ou se era realmente esse caminho que gostaria de percorrer. A solução para essas questões foi trazida por um colega, que em seu ano anterior havia conseguido entrar na unidade e curso que estavam tirando o sono da tão ansiosa e jovem Rai. Esse colega foi encontrado no ônibus, com uniforme da FAETEC e com o jaleco do curso, o sorriso se alargou ao avistar todos esses detalhes. Rapidamente já puxou assunto, sentou ao lado e fez muitas perguntas sobre o curso, a unidade, horários e matérias. O colega, percebendo o entusiasmo e também dúvidas, faz então uma proposta: - Que tal ir até a unidade e assistir uma aula comigo? O primeiro momento foi de, claro, ótima ideia e seguido de, como? Veio assim a solução, eu te empresto uma blusa, você senta ao fundo e ninguém nem notará a sua presença.

Era perfeito! Ela voltou para casa já falando para os pais sobre o diálogo (sem contar a parte da visita como estudante), os pais ficaram felizes e a mesma disse que visitaria a unidade assim que fosse possível. No dia e na hora marcada, a estudante já em posse da camisa da escola, pega o ônibus e desce na tão sonhada unidade escolar, o colega deveria estar à espera, porém, um atraso no ônibus e o sinal já havia tocado. Só foi possível encontrar com esse colega no segundo tempo e depois disso eles fizeram como planejado, sentaram-se a fundo da sala, assistiram as aulas, almoçaram na unidade e após o lanche iriam para as aulas técnicas. Já no laboratório, o professor dividiu a turma para realizar atividades, nessa divisão foi verificado que a aluna, a jovem magrinha ao fundo não estava com o nome na chamada. O professor então, anotou o nome e foi até a secretaria confirmar. Aqui começa o fim de um sonho.

Após verificar que o nome não estava na turma, tão pouco em outras turmas, o professor retira a aluna da sala, com medo ela diz então que irá verificar com a secretaria, assim ela conseguiria sair da escola, porém o professor a acompanhou e deixou sentada na coordenação. O desespero começou a invadir e a estudante, cheia de ansiedades, começou a ficar com muito desespero. Seu colega veio até ela para ajudar, assim relatou a coordenação que ela estava ali só para lhe entregar um livro e perceberam então que havia algo de errado. Solicitaram a carteirinha e compreenderam que a aluna não era estudante de lá, a verdade foi contada, porém já não era mais vista como verdadeira.

Ela ficou mais de cinco horas naquela unidade, dentro de uma sala, com um diretor que estava muito irritado por sua “gracinha”. Infelizmente, ele foi grosseiro, indiferente as explicações e resistente a buscar conciliação, mesmo assistindo essa estudante chorar. Ela não pode almoçar, beber água ou ir ao banheiro. Saiu dali ao final do expediente daquele diretor, num carro de polícia que a deixou num lugar chamado Conselho Tutelar, apesar de saber o que

era, não entendia bem o que eles fariam. Mais uma vez a estudante ficou em uma sala fechada, foi ofertado uma maçã e também água. Todo relato do ocorrido foi feito a uma pessoa que se apresentou como assistente social, a mesma contactou os responsáveis que, em razão da distância e trabalho, chegaram apenas ao final da noite.

Ela foi levada para casa, sem falar nada ao longo do caminho, não foi para escola no dia seguinte e nem no outro. Teve que se apresentar com os pais no Conselho e este fez uma visita a unidade escolar da aluna. Os professores foram chamados a fazer breve relato sobre a estudante e história tomou os corredores e salas. Na troca de aula entre o tempo de Gramática para o tempo de Matemática, o professor, já ciente do ocorrido, pergunta para aluna o que ocorreu, rindo e fazendo chacota do acontecido, os outros estudantes então, dão gargalhadas e o professor então sugere que eu escrevesse um livro – **Memórias de um Cárcere**. Aquela jovem, saiu da sala, chorou um pouco, talvez um pouco seja eufemismo e só voltou quando o professor foi até ela pedir desculpas.

O dia da prova do concurso havia chegado, mas não havia chegado com ele a vontade de fazer a prova. Sua mãe lhe acompanhou, a contragosto ela entrou, a prova tinha trinta questões e nada ali parecia familiar. As horas passaram, a prova em branco, foi entregue com uma assinatura e um gabarito com pouco ou nada preenchido, a memória aqui, já não consegue lembrar. O silêncio fez companhia na volta para casa, assim como o silêncio também estava presente no resultado. O curso de Administração não parecia tão distante agora e com o apoio do Conselho Tutelar, foi possível uma bolsa em uma unidade particular. Aquela jovem Rai era realmente boa com números, mas nunca vai saber como teria sido com Informática e tudo bem, pois ela escolheu Humanas no final.

Referências

ALVES, Nilda; SANTOS, Joana Ribeiro. **Redes de conhecimentos e currículos: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes**. Espaço do currículo, v. 9, n. 3, p. 372-392, set./dez. 2016.

ANDRADE, Nívea; CALDAS, Alessandra Nunes; ALVES, Nilda. Os movimentos necessários às pesquisas com os cotidianos. In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SUSSUKIND, Maria Luiza; PEIXOTO, Leonardo (orgs). **Estudos do cotidiano, currículo e formação docente - questões metodológicas, políticas e epistemológicas**. Curitiba: CRV, 2019: 19-46.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

Sobre a autora:

Railane Pereira é doutoranda em Educação pelo Proped/UERJ –FFP. Mestre em História pela UNIRIO. Graduada em História e Arquivologia. Professora na rede municipal de ensino do Rio de Janeiro.